

# APRESENTAÇÃO

## GÊNERO, DISCURSIVIDADES E TRANSVERSALIDADES

DOI: 10.5935/2177-6644.20190016

**Viviane Bagiotto Botton**

**Fernando Bagiotto Botton**

*Organizadores do dossiê*

Tendo em vista a emergência dos estudos de gênero na atualidade e as demandas sócio-políticas contemporâneas cada vez mais latentes por complexas abordagens sobre a temática, lançamos aqui o dossiê “Gênero, discursividades e transversalidades” que teve como objetivo conjugar diversas pesquisas que utilizam o conceito como categoria de análise e pensar a partir e sobre ele. Esta conjugação, porém, não compreende que uma articulação das Ciências Humanas com o gênero considere apenas aquilo que “aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidade, foram construídos” (SCOTT, 1994, p. 19). Trata-se sim de uma singular leitura, onde o *gênero* passa a receber delimitações mais precisas, sendo compreendido como “o saber a respeito das diferenças sexuais [...] produzido de maneira complexa no interior de *epistemes*, que têm elas próprias, uma história autônoma (ou quase). Seus usos e significados nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder – dominação e de subordinação são construídas” (SCOTT, 1994, p. 12).

Partindo destes pontos, podemos considerar que abordar os estudos de gênero contribui para nossa compreensão a respeito das organizações ético-políticas em distintos recortes sociais e históricos, deslindando relações culturais e, essencialmente, as tramas e fluxos das relações de poder no interior de determinadas sociedades, época e linguagem.

Talvez seja por esse motivo que os estudos de gênero nos últimos anos vêm provocando a ira, violentas críticas e perseguições de diversas ordens por parte de linhagens político governamentais de ultradireita – marcadamente conservadoras quanto às pautas sociais, muito embora (neo)liberais na restrita esfera econômica. Ao inventarem falácias ardilosas com conceitos associados aleatoriamente, como mistura para bala de canhão que bombardeará nas redes sociais, tais como “ideologia de gênero”, provocam a negação da mera possibilidade de existência de certos corpos não heteronormatizados. Com tais falácias fazem do *gênero* um espalho, contra o qual canalizam muitos ódios, que na prática se consolida em violência (real e simbólica) contra as minorias que reivindicam liberdades e direitos civis, tais como movimentos LGBTQ+, movimentos feministas, movimentos contra discriminação racial, e corpos de existência dentre muitos outros. Na construção desse conceito/espantalho, o *gênero* é então concebido como matriz de todos perigos que assomam instituições pretensamente em extinção na sociedade contemporânea, tal como a família monogâmica e a heterossexualidade cis.

O aparente incômodo que o *gênero* representa a esses grupos pode ser pensado a partir da questão básica de que historicamente nossa sociedade se fundou, e ainda se funda, em estruturas patriarcais, misóginas e machistas de composição e relações de poderes que as mantêm e reforçam. O questionamento dessas fundações significa justamente um movimento que ameaça a estrutura básica da constituição de tais relações de poderes e o abalo das estratégias de grupos (ditos) majoritários que sempre se beneficiaram da sustentação dessas estruturas subjetivas e hierárquicas para firmarem os pilares de sua dominação sociossexual, econômica e política. O ódio, a intolerância, a exclusão e *forclusão* de toda diferença, bem como as violências (verbais e morais) são armas nas mãos daquelas agrupações que conclamam a cruzada moral contra estes estudos supostamente defensores dessa “ideologia de gênero”, compreendida como bruxaria, comunismo, satanismo etc. Dessas manifestações não podemos retirar nenhum sentido racional aparente para além do fato de que gênero *é um conceito que prescreve medo* e que, segundo tais percepções, urge ser combatido. Ora, a grande ameaça que um tal conceito pode demonstrar a seus temerários é a capacidade de expor as entranhas íntimas dessas estruturas e relações de poder que são, por definição, excludentes e assassinas, e que ao se fazerem aparentes levam à compreensão de que sua desconstrução é possível e devida, em nome de uma vida com maiores condições de igualdade, cuidado e convivência mútua. O medo do gênero consiste no receio do desnudamento da

potencialidade libertadora que tal conceito articula para cancelar repressões, desvincular ódios, dissipar temores, singularizar individualidades e reprogramar subjetividades. Talvez ainda não tivéssemos detratado tanto o gênero, pelo fato de que nunca se temeu tanto um conceito que pudesse reivindicar a iminência de uma sociedade que está apta (e ansiosa) para *sair do armário*.

Levando em consideração estas premissas, privilegiamos aqui a publicação de artigos que traziam em seu escopo uma perspectiva transversal, compreendendo o gênero enquanto relacional e definido a partir de distintas articulações com estratificações étnico-raciais, socioeconômicas, culturais, etc. Enfatizamos abordagens que consideraram *gênero* em relação a um variado leque de discursos e práticas (políticas, médicas, jurídicas, estatais etc) que são constitutivos de hierarquizações políticas que se pautam por pretensas diferenças sexuais. Nesse sentido, reunimos aqui dez trabalhos autorais de pesquisadores estabelecidos e/ou em formação que alinharam pesquisas históricas, filosóficas, sociológicas, antropológicas, políticas, psicológicas, pedagógicas, literárias e linguísticas; uma resenha crítica do livro *Se Défendre* da historiadora Elsa Dorlin, ainda não traduzido no Brasil; e uma tradução inédita da comunicação *La loi du genre* do renomado filósofo Jacques Derrida, proferida por ele em 1979 no colóquio sobre gênero da Universidade de Estrasburgo. Tudo isso num afã de dialogismo teórico e metodológico que englobou os *estudos de gênero* em distintas abordagens e áreas de conhecimento, narrativas e dimensões espaciais e temporais.

Por fim, ressaltamos que a ideia de realizar um dossiê sobre gênero na Revista Tempo, Espaço e Linguagem surgiu inicialmente no interior do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e se fez possível graças ao apoio dxs Professorxs Dra. Ana Maria Rufino Gillies, Dra. Nádia Guariza e Dr. Oseias Oliveira, que acompanharam o andamento do estágio pós-doutoral (PNPD-Capes) de um de nós, o Dr. Fernando Bagiotto Botton, que vinha sendo realizado na referida Universidade no decorrer do ano de 2018, e que atentos às demandas de muitos alunos do Programa de Pós-Graduação pelo aprofundamento em questões teóricas e metodológicas aplicadas às pesquisas de gênero, propuseram a elaboração do dossier. Somou-se à empreitada outra de nós, a Dra. Viviane Bagiotto Botton, que, no mesmo período, encontrava-se escrevendo um projeto de pesquisa de pós-doutorado referente aos estudos de gênero na área (que atualmente está em andamento no Departamento de

Filosofia na UERJ), de modo que é destas iniciativas, afinidades e também na irmandade de ambos que este dossier se apresenta ao público. Que seja de muito bom proveito.